

UMA PRÁTICA DE SUBJETIVAÇÃO OU NORMATIZAÇÃO: ARTICULAÇÕES ENTRE MICHEL FOUCAULT E A CLÍNICA PSICANALÍTICA¹

Otávio Pacheco Pamplona Corte Real²
Stetina Trani de Menezes e Dacorso³

RESUMO:

O presente artigo parte de algumas reflexões e ideias do filósofo e epistemólogo das ciências humanas Michel Foucault. Crítico de muitas disciplinas e campos de saber, fez muitas ressalvas à psicanálise e ao dispositivo da clínica psicanalítica. Partindo da interlocução crítica entre as duas linhas de pensamento, o estudo aborda brevemente alguns conceitos de Michel Foucault, bem como sua relação e apontamentos em relação ao discurso freudiano, para posteriormente lançar mão de conceitos psicanalíticos que colocam o sujeito em evidência. A leitura a respeito da psicanálise se divide em dois pontos: da constituição do sujeito e da clínica. A partir disso, pensar a atuação clínica em psicanálise como prática de promoção de subjetivação, fugindo de uma lógica de normatização e de patologização, com olhar voltado para a subjetividade e individualidade. Não se trata de questionar o arcabouço teórico da psicanálise ou de Foucault, mas sim, de refletir sobre a prática clínica e seu compromisso ético a partir do pensamento de ambos.

Palavras-chave: Psicanálise. Foucault. Clínica psicanalítica. Subjetividade. Normatização.

A SUBJECTIVITY OR NORMALIZATION PRACTICE: ARTICULATIONS BETWEEN MICHEL FOUCAULT AND DE PSYCHOANALISIS CLINICAL

ABSTRACT

This article introduces some reflections and ideas of the philosopher and epistemologist of the human sciences, Michel Foucault. Being one of the critical of many other disciplines and fields of knowledge, Foucault made many exceptions regarding the psychoanalysis and its clinic. Considering a critical interlocution between two different lines of thoughts, this article briefly discusses some concepts of Michel Foucault, as well as his notes and opinion regarding to Freud's speech and then debates about some psychoanalytical concepts that puts the subject in evidence. The discussion about psychoanalysis is here divided into two: the

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF) na Linha de Pesquisa Práticas clínicas. Recebido em 24/05/2019 e aprovado, após reformulações, em 24/06/2019.

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de (CESJF). E-mail: tatop_12@outlook.com

³ Mestre em Literatura brasileira pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES-JF) e docente do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF). E-mail: stetina-dacorso@ig.com.br

constitution of the subject and the clinic. From that, the article intends to highlight the clinical performance as aiming to promote subjectivation and also avoiding the logic of normalization and pathologization, focusing in the subjectivity and individuality. It is not about questioning the psychoanalyses' or Foucault's theory, but reflecting about the clinical practice and its ethical commitment of both theories.

Keywords: Psychoanalysis. Foucault. Psychoanalytic Clinic. Subjectivity. Normalization.

1 INTRODUÇÃO

O filósofo francês Michel Foucault (1926 – 1984) foi responsável por um dos trabalhos epistemológicos mais significativos das ciências humanas. Em trabalhos vastos e densos, abordou diversos temas, inaugurando, inclusive, a ideia da ligação direta entre saber e poder. Dividiu sua obra em três momentos: arqueologia do saber, genealogia do poder e estética da existência. Em seus textos, faz um resgate histórico, capaz de demonstrar a lógica presente na criação de várias disciplinas, e as estratégias de controle que surgiram a partir do fim da Antiguidade.

Foucault foi um grande crítico da psicanálise, considerando a prática clínica como herdeira da confissão, dispositivo utilizado pela igreja católica na idade média, nos tribunais da inquisição e no controle das condutas da população. Esta lógica não apenas evoluiu como também se sofisticou. No rompimento do discurso religioso para o discurso científico, as estratégias de poder ganharam conotação de ciência. A partir disso, o controle dos corpos e das condutas se tornaram mais eficazes, na promoção de um higienismo social, que privilegia os detentores do saber e exclui o diferente e indesejado.

A psicanálise foi inventada pelo neurologista judeu Sigmund Freud (1856 – 1939), e propagada por incontáveis praticantes. Diferente da maioria de outros saberes foi uma ciência na qual a prática antecedeu a teoria, sendo aperfeiçoada por Freud durante todo o percurso da psicanálise. Com isso, fundou a prática clínica, atualmente utilizada por diversos campos do saber, como a medicina e a psicologia, por exemplo.

Apesar das críticas feitas por Foucault, a psicanálise se caracteriza por uma prática de subjetivação, que visa não uma normatização, mas sim um conhecimento de si e uma busca pela subjetividade, a partir de uma ética do sujeito.

O autor de destaque nesta temática Joel Birman reflete a respeito dos dois saberes, buscando uma inflexão para a psicanálise, a partir das críticas contundentes de Michel Foucault. Com a busca de uma junção entre os dois saberes, apesar das dicotomias, é possível atuar clinicamente através da psicanálise, com uma visão mais crítica, buscando cada vez mais a subjetivação, para um olhar, saber e cuidar de si, não caindo na tentação de normatizar o sujeito atendido, bem como atuar de forma mais social e política.

Assim sendo, este estudo caminha na direção de situar a clínica psicanalítica como uma prática de subjetivação, e não apenas uma tecnologia de si⁴, procurando uma relação dialética entre dois dos pensadores mais influentes da modernidade, bem como a importância de ambos na prática do analista.

O objetivo deste trabalho é analisar as possibilidades apresentadas pela clínica psicanalítica como prática de promoção da subjetivação e do cuidado de si. Para isto, será analisada a presença da psicanálise no discurso de Foucault, bem como uma reflexão sobre a ética da psicanálise na promoção da subjetivação, fugindo de uma lógica de normatização.

Como problema, levanta-se o seguinte questionamento: a clínica psicanalítica se caracteriza como uma prática terapêutica capaz de promover a subjetivação para o cuidado de si?

A interlocução entre a teoria psicanalítica e o trabalho do filósofo Michel Foucault é dicotômica, porém existente. Diversos textos foucaultianos fazem alusão à psicanálise, seja no nível do enunciado ou da enunciação, muitas vezes com tom crítico. Psicanalistas analisam interseções entre ambos os autores, aprofundando, questionando e rebatendo as críticas foucaultianas.

Este trabalho parte do interesse pela interlocução possível entre duas grandes correntes de pensamento da modernidade: a psicanálise e a filosofia de

⁴ O conceito pode apresentar variações, sendo denominado também como técnicas de si, como no artigo "A questão do sujeito em Foucault", de Souza e Furlan. A escolha por tecnologias de si se deu a partir da leitura do texto "entre o cuidado e o saber de si" de Birman (2000). O conceito será aprofundado mais a frente, em outra seção deste artigo.

Michel Foucault. Refletir sobre a psicanálise como uma prática de subjetivação, promovendo o olhar, o saber e o cuidado de si.

Assim sendo, pode-se almejar uma modalidade diferente de atuação clínica, fundada em um cuidado de si. A busca por isso permitia que os sujeitos alcançassem suas potências de saber e afirmações positivas de si, causando na inscrição de figuras excluídas do social. Com esse viés, a inserção da psicanálise torna-se possível, a partir do rompimento com a tradição crítica, reconhecendo a inconsistência ontológica da subjetividade, segundo a enunciação do conceito de inconsciente.

Trata-se de uma pesquisa epistemológica conceitual cujo objetivo é investigar como a atuação clínica da psicanálise como prática de promoção da subjetivação. Os textos clássicos da psicanálise e do filósofo francês Michel Foucault, bem como fontes secundárias de comentadores sobre o assunto serão utilizados como instrumentos de pesquisa. Artigos também serão pesquisados nas plataformas digitais Scielo e Google Acadêmico com as palavras chaves: Foucault e Psicanálise.

2 PSICANÁLISE, FOUCAULT E A CLÍNICA.

O desenvolvimento desde texto parte da leitura de algumas citações - majoritariamente de tom crítico - de Michel Foucault sobre a psicanálise. Tais críticas, seguidas por conceitos foucaultianos sobre a constituição do sujeito, não serão aprofundados, uma vez que servirão como ponto de partida da reflexão proposta neste artigo, sobre a atuação da clínica da clínica psicanalítica.

Os conceitos psicanalíticos abordados posteriormente colocam o sujeito e a particularidade como pontos cruciais da constituição da subjetividade. Assim sendo, as reflexões sobre a clínica psicanalítica caminharão no sentido de apontar o compromisso ético de cultivar essa particularidade, não caindo em um discurso de normatização.

2.1 A PSICANÁLISE E MICHEL FOUCAULT.

O filósofo francês Michel Foucault tem uma obra vasta e rica de conteúdo, dividida em três momentos: arqueologia do saber, genealogia do poder e estética da existência. (BIRMAN, 2000). Para Muchail (1992), citado por Silva (2001), tais etapas, podem ser compreendidas como três campos de reflexão, sendo eles: epistemológico, político e ético. Estes continentes de reflexão se expressam predominantemente, nas seguintes ordens de problemas: o da verdade, o do poder e o da conduta individual. Estas ordens de problemas são constantemente perpassadas pelas temáticas das relações entre loucura, sociedade e instituições, bem como por uma repetida preocupação de Foucault sobre a questão do sujeito e na constituição de sua subjetividade.

A interlocução entre a filosofia foucaultiana e a psicanálise seria permanente tecida ora a viva voz, ora em surdina. Foucault em relação à psicanálise se interessa pelas formulações a respeito da experiência ética na modernidade, “[...] nas quais a consistência ontológica da subjetividade é colocada em questão de maneira crucial”. (BIRMAN, 2000, p. 10).

Na conturbada relação entre o filósofo francês e a psicanálise, há também o reconhecimento de avanços possíveis a partir do discurso freudiano. Para Foucault (1988) a relação entre o sexo dos cidadãos e o controle do Estado, frente a estas práticas, se estendeu ao sexo das crianças. Segundo o autor, a época clássica ocultou a sexualidade infantil, que só foi capaz de entrar em discurso novamente a partir dos Três Ensaio da Sexualidade (1905), bem como as angústias do pequeno Hans (1909), caso analisado por Freud.

Para Birman (2000) a psicanálise recebeu fortes críticas de Foucault, pelo fato de ser junto com a psicologia e a psiquiatria, herdeira de uma tradição da modernidade, caracterizando versões disciplinares. Tais críticas ocorrem porque, ao enunciar a estética da existência, Michel Foucault postulou também a ideia do cuidado de si. Para ele, esta seria uma experiência ética da antiguidade, silenciada e esquecida pela modernidade.

A modernidade lançou mão do mecanismo da confissão, instituindo assim uma nova ética cristã. Neste sentido, Foucault inscreve a psicanálise no dispositivo **CADERNOS DE PSICOLOGIA – CESJF - jun.2019 v.1 n.1 p.264-282**

da confissão, modelado pela tradição do cristianismo, considerada como o ponto inaugural no percurso da sexualidade na modernidade. Entre a confissão e a experiência psicanalítica houve a constituição de figuras intermediárias para diferenciar significativamente os dispositivos. A similaridade entre as mesmas se caracteriza pela constituição de ambas num contexto dialógico para a experiência moral, perpassadas estrategicamente pela culpa e pela penitência. (BIRMAN, 2000).

Ao abordar sobre o controle dos discursos, Foucault (2014) considera algumas formas para a execução deste controle. Dentre estes mecanismos, abordaremos uma delas, no caso: determinar as condições de seu funcionamento. A respeito deste dispositivo, o autor afirma que determinar as condições do funcionamento de um discurso ocorre pela via de impor aos indivíduos que o pronunciem determinadas regras e condições, delimitando assim, o acesso a eles. (FOUCAULT, 2014).

Seguindo na mesma direção, Foucault (2014) classifica o ritual⁵ como sistema de restrição. Segundo o autor, este ritual determina a qualificação necessária aos indivíduos que enunciam, bem como define os gestos, comportamentos, circunstâncias e demais signos atrelados aos discursos.

Para exemplificar tais ideias, recorreremos ao conceito do *setting* analítico. Para Zimerman (2008, p. 67),

[...] O setting resulta de uma conjunção de regras, atitudes e combinações, tanto as contidas no 'contrato analítico' (conforme descrito no capítulo anterior) como também aquelas que vão se definindo durante a evolução da análise, como os dias e horários das sessões, os honorários com a respectiva modalidade de pagamento, o plano de férias, etc..

Logo, o discurso psicanalítico se torna restrito a quem siga determinadas condições para seu funcionamento. De acordo com Foucault (2014, p. 37), “[...] os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e, em parte também, políticos, não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis estabelecidos”.

⁵ Conceito exposto por Foucault em: “A ordem do discurso: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970”, publicada em 2014, no livro com o mesmo título, presente nas referências deste artigo.

Uma das críticas mais ácidas feitas por Foucault à psicanálise, refere-se a escuta dos psicanalistas na prática clínica:

Afinal de contas, somos a única civilização em que certos prepostos recebem retribuição para escutar cada qual fazer confidência sobre seu sexo: como se o desejo de falar e o interesse que disso se espera tivessem ultrapassado amplamente as possibilidades da escuta, alguns chegam até a colocar suas orelhas em locação. (FOUCAULT, 1988, p.13).

Ainda de acordo com Birman (2000, p.77), é de clara compreensão, que a visão foucaultiana a respeito da psicanálise foi marcada “[...] pelo investimento deste na atualidade, sobre a qual sempre, como estratégia que era, procurava infletir em certas direções as relações de forças existentes na microfísica do campo político.”

2.2 MICHEL FOUCAULT E AS FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO

Para Birman (2009), o cuidado de si foi enunciado por Foucault na estética da existência, sendo uma prática consistente na experiência ética da antiguidade, tendo esta sido silenciada pela modernidade, por estratégias morais como as tecnologias de si. Este último conceito será abordado neste capítulo, pela perspectiva de Joel Birman, psicanalista que articula em vários momentos a psicanálise e a análise de Michel Foucault sobre as ciências humanas.

Segundo Birman (2000), a subjetividade, que sempre esteve inscrita entre os registros ético, estético e político, localizando-se nos discursos da filosofia, da religião, do científico e do senso comum, tornou-se objeto teórico e prática de disciplinas das ciências humanas na modernidade, como a psiquiatria, a psicologia e a psicanálise. A articulação destas disciplinas, submetidas às diversas arqueologias e genealogias rigorosas, convergiram para o projeto de uma estética da existência.

Portanto, a subjetividade não seria uma condição humana, ligada a aspectos inatos ou naturais. Como afirma Birman (2000, p.81):

Com isso, Foucault retoma a categoria lançada em “A vontade de saber”, de que o que de fato existiria seriam *formas de subjetivação*. Assim, falar em forma de subjetivação é insistir na dimensão de produção do sujeito, que não mais seria origem e invariante, mas destino e produção, destino resultante de um longo e tortuoso processo de modelagem e de

remodelagem, historicamente regulado. Isso implica dizer que não existiria o sujeito, rigorosamente falando, mas apenas as formas de subjetivação. Engendradas por certas tecnologias de si, as formas de subjetivação revelariam então a *inconsistência ontológica* do sujeito que estaria aqui em pauta. Enfim, nessa insistência de Foucault na produção do sujeito e nas tecnologias para o seu engendramento, cuja resultante maior é o enunciado da subjetividade como forma de subjetivação, o que estaria sempre em pauta é a inconsistência ontológica do sujeito.

A partir desta compreensão sobre tais tecnologias de si, é possível concluir que a subjetividade, na perspectiva foucaultiana, não estaria localizada em um ponto de partida, mas sim, como resultado de uma produção, construção social e histórica. Sequer deveria ser considerada no singular, falando de subjetividades, tendo em vista os processos complexos que estão envolvidos nas constituições das mesmas. Além disso, seria mutável, como nos mostra Birman (2000, p. 80): “[...] Enunciar, enfim, a categoria de tecnologia de si é formular ao mesmo tempo que a concepção de subjetividade se teria transformado ao longo da história ocidental, a partir do enunciado de determinadas técnicas de produção de si mesmo.”

Estas tecnologias de si se sofisticaram ao longo do tempo, deixando de estar presente em proibições e coerções físicas, passando a aparecer no controle dos discursos. No primeiro dos três volumes da História da Sexualidade, Foucault examina a construção histórica do dispositivo da sexualidade. Não aprofundaremos neste aspecto, mas apenas para exemplificar a sofisticação deste controle, quando Foucault (1988, p. 28) diz sobre a “Polícia do sexo: isto é, necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição.”

Na análise das inúmeras tecnologias de si e do trabalho que os indivíduos operam sobre si mesmos, na Grécia e Roma Antigas, a compreensão foucaultiana acerca das subjetividades ganha novas inflexões, não sendo reduzidas ao diagnóstico do que o saber e o poder operam constituindo os sujeitos, mas também tentando compreender como estes se constituem e se reconhecem a si mesmos. Essa problemática não se resume somente à circunscrição dessa questão nos trabalhos finais de Foucault, interrompidos por ocasião de sua morte, “[...] mas nos leva a certa revisão de seu trabalho anterior, pois o reconhecimento de si só se dá num campo de saber e poder constituídos.” (SOUZA, FURLAN, 2018, p. 333). Este é o mesmo processo que levou o filósofo a estabelecer a relação saber-poder, que,

neste contexto, afirma que a conduta humana seria social por princípio, terminando com a apuração do comportamento ético: saber-poder-si. (SOUZA, FURLAN, 2018)

2.3 FREUD E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

No início desta seção, são válidos certos esclarecimentos a respeito da sucessão do estudo, no que tange a psicanálise. Destaca-se que a divisão presente a partir de agora, entre a constituição do sujeito para a psicanálise e a clínica psicanalítica ocorre apenas de maneira estrutural, uma vez que os textos freudianos e a prática clínica não se deram de maneira divergente, sendo tal exercício concomitante com a construção teórica. A clínica é abordada em uma seção específica, e esta subseção abordará brevemente conceitos fundamentais da prática analítica, importantes para o seguimento do texto, como o recalque, desejo, transferência, inconsciente. Vale ressaltar aqui, que este artigo visa refletir a clínica psicanalítica, e não aprofundar em conceitos metapsicológicos. Para isso, o texto recorre a autores reconhecidos e respeitados no campo psicanalítico, em suas transcrições fiéis e rigorosas aos textos freudianos.

Iniciaremos pelo recalque. Este é fundamental na compreensão de toda a teoria psicanalítica, e segundo o próprio Freud (1969a, p. 26), “a teoria da repressão é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise”. Apesar da denominação diferente, repressão e recalque são sinônimos em psicanálise. Vale ressaltar que, segundo Roudinesco (1998), o próprio Freud reconheceu que não foi o inventor desse conceito, tendo ideias anteriores forjadas por filósofos como Schopenhauer e Nietzsche.

O recalque, segundo Freud (1969a) atua de forma altamente individual para cada representação psíquica não, sendo possível formular uma regra geral a respeito da atuação e intensidade deste no processo psíquico, bem como a eliminação da resistência por parte da consciência durante o processo analítico. É justamente o recalque – no Brasil, também se utiliza o termo recalçamento – o processo responsável por manter no inconsciente as representações e ideias que estejam relacionadas às forças pulsionais, afetando assim o equilíbrio do

funcionamento psíquico, uma vez que a realização destas pulsões, fonte de prazer, tornar-se-ia fonte de desprazer. (ROUDINESCO, 1998).

O recalque é um dos conceitos que justifica o inconsciente. O inconsciente, presente em toda obra psicanalítica, tem um texto exclusivo chamado O inconsciente, de 1915, publicado em A história do movimento psicanalítico. No texto em questão, Freud (1969a, p.191) afirma que: “[...] Tudo que é reprimido deve permanecer inconsciente; mas, logo de início, declaramos que o reprimido não abrange tudo que é inconsciente. O alcance do inconsciente é mais amplo: o reprimido é apenas uma parte do inconsciente.”

O inconsciente teve denominações diferentes durante a obra freudiana. Na primeira tópica, possuía caráter nosográfico, constituindo apenas um sistema com conteúdos recalcados, provenientes das outras instancias psíquicas (pré-consciente e consciente). Já na segunda tópica, passa a ser chamado de id ou isso, não sendo mais uma instancia, tornando-se dinâmica e ligada aos outros pontos do psiquismo, o eu ou ego, e o supereu ou superego. (ROUDINESCO, 1998).

Houve muitas formas de entendimento dos conflitos psíquico ao longo da construção da teoria psicanalítica. O que inicialmente estaria localizado entre a pulsão sexual e a pulsão do eu, posteriormente ganhou a denominação de pulsão de vida e pulsão de morte. Apesar desta mudança, a sexualidade se mantém como parte das forças estruturantes de tal conflito no sujeito. (BIRMAN, 2000). Logo:

[...] no campo do discurso freudiano a oposição entre a pulsão de vida e a pulsão de morte, fundante do *sujeito do inconsciente*, seria marcada e modulada pela *experiência da castração*, o que definiria o dito sujeito no registro incontornável da finitude, de forma que o *limite* seria fundamental para a construção do sujeito do inconsciente face ao imperativo da pulsão de morte. (BIRMAN, 2018, p.458)

De acordo com Birman (2009), o desejo foi inscrito por Freud no conflito entre consciente e inconsciente neste último polo. Neste caso, este desejo buscaria sempre sua satisfação, mas encontra a resistência de forças como o recalque, levando à censura do mesmo. Ainda assim, o desejo busca através da insistência, brechas para emergir, conseguindo de alguma forma burlar esta censura. O desejo

então se faria presente a partir de retorno do recalcado, de diversas formas, como o sonho, o lapso, o ato falho e a piada.

Uma concepção breve e didática do conceito de desejo é apresentado pela psicanalista Elizabeth Roudinesco, (1998, p.146):

Em Freud, o desejo (Wunsch) é, antes de mais nada, o desejo inconsciente. Tende a se consumir (Wunschfullung), e, as vezes, a se realizar (Wunschbefriedigung). Por isso é que se liga prontamente à nova concepção do sonho, do inconsciente, do recalque e da fantasia. Daí essa variação que não variaria mais: o desejo é desejo inconsciente e realização de desejo. Em outras palavras, é no sonho que reside a definição freudiana do desejo: o sonho é a realização de um desejo recalcado e a fantasia é a realização alucinatória do desejo em si.

Outro conceito fundamental da teoria psicanalítica é o de transferência. Para Roudinesco (1998), é unânime entre as divisões de escolas dentro da própria psicanálise, considerando o mesmo como fundamental ao processo analítico. Apesar disso, existem ainda divergências sobre o lugar desta no tratamento, bem como o manejo do analista. A ideia de transferência surgiu na clínica psicanalítica a partir do abandono da hipnose e da catarse. De maneira ampla, o conceito advém da ideia de um deslocamento e substituição de lugares e de afetos, sem prejudicar a integridade do objeto.

De acordo com Birman (2009), no texto Além do princípio do prazer, Freud afirma que a experiência analítica, a partir deste contexto, não se contenta mais com a interpretação e superação das resistências, mas sim no domínio e elaboração da compulsão à repetição. O sujeito concretiza suas questões subjetivas no sintoma sempre de forma singular, pessoal. Sendo assim, o sintoma sempre localiza algo particular de um sujeito, sendo este resultado de questões que não foram verbalizadas, constituindo assim uma forma diferente de dizer sobre as questões.

Apesar desta noção psicanalítica centrada no sujeito, existem textos na obra freudiana que dizem da relação entre o ser humano e a cultura, bem como a constituição ambígua de ambos. Ceccarelli (2010), afirma que:

A dinâmica pulsional que caracteriza o desamparo psíquico demanda um novo tipo de 'alimento': afeto, amor, reconhecimento, palavra, linguagem... gerando o que poderíamos chamar de 'dependência psíquica'. Seus destinos são inúmeros: as religiões, as ligações cegas aos mestres, as

teorias inquestionáveis, as adições e, sobretudo, as que mais nos fazem sofrer: as relações interpessoais nas quais 'a fronteira entre o ego e o objeto ameaça desaparecer. (FREUD, 1930, p. 83 apud CECCARELLI, 2010, p.128)

Nota-se que o autor aborda o desamparo psíquico, inerente ao ser humano, determinando suas origens, bem como seus destinos, e como este é capaz de se tornar uma produção cultural, estreitando a relação entre sujeito e cultura.

2.4 PSICANÁLISE E A CLÍNICA

Em dois verbetes de enciclopédia, Freud (2010a) define a psicanálise em três pontos: como um procedimento capaz de investigar processos mentais quase inacessíveis por outras vias; método para tratamento de distúrbios neuróticos; e um conjunto de informações psicológicas, acumulando-se em uma nova disciplina científica.

Em um de seus textos clássicos, Recordar, Repetir e Elaborar, de 1914, Freud (2010b) comenta sobre as alterações sofridas na técnica da psicanálise ao longo de seu percurso. Na primeira fase, ainda com influência de Breuer, a atenção era para o momento da formação do sintoma, com o objetivo de fazer uma reprodução dos processos psíquicos que levaram àquela situação, descarregando assim o conteúdo de maneira consciente. Posteriormente, com o abandono da hipnose, a tarefa passou a ser de descobrir, através de pensamentos espontâneos do analisando, os fatos dos quais ele não conseguia se lembrar. E finalmente, constituiu-se a técnica definitiva, na qual o médico abdica de focar em determinada questão do analisando, lançando mão da interpretação para detectar as resistências do sujeito, tornando estas conscientes para o mesmo. (FREUD, 2010b).

De acordo com Birman (2009) a experiência da psicanálise é constituída através do reconhecimento irrefutável da presença de conflitos psíquicos. Foi por essa via que Freud construiu a teoria e estruturou a clínica psicanalítica. Sendo esta estruturação conjunta, seria impossível a separação de clínica e teoria, qualquer alteração teórica seria decorrente das mudanças operadas na clínica. Portanto, é

necessário afirmar que o dispositivo da clínica foi inventado para oferecer novos destinos para os conflitos psíquicos.

O que a psicanálise trouxe como inovação teórica foi a demonstração de como os conflitos psíquicos eram fundados no inconsciente. A prática analítica por sua vez visava colocar em pauta os registros inconscientes, tornando-os conscientes. Dessa forma, o sujeito se deparava com as bases de seu conflito, para que pudesse relatar a dor e sofrimento causados por este, dissolvendo assim o sintoma. Com isso, “[...] seria preciso transformar a miséria neurótica em infelicidade banal”. (BIRMAN, 2009, p.1).

Para Rocha (2011), a maneira como a teoria psicanalítica é compreendida não se limita apenas aos enunciados próprios dela, mas principalmente da forma como ela surgiu, uma vez que grande parte do arcabouço teórico da psicanálise se originou a partir da escuta. Logo, não há razão para compreender a prática clínica e a teoria como pontos dicotômicos, mas sim articulá-las, sem reduzir uma à outra.

Rocha (2011) aponta para esta relação complementar singular trazida por cada sujeito no exercício da clínica, destacando este como um fazer que se sobrepõe à teoria:

Se há uma tensão própria ao exercício da clínica, essa nasce dos elementos inesperados, das surpresas intrínsecas a esse exercício. Pois, embora o analista conheça as teorias que constituem os pilares da Psicanálise (o inconsciente, a transferência, a resistência, a associação livre, entre outros), ainda assim será surpreendido pelas singularidades trazidas por cada analisando. (ROCHA, 2011, p. 14).

Pode-se então concluir que, um analista não se constitui apenas de um saber teórico e uma prática estabelecida, mas principalmente de um saber analisar, que leve o sujeito a uma conscientização dos conteúdos inconscientes. Isso caracteriza a prática da clínica psicanalítica como um fazer saber, e não um saber fazer. A singularidade do analisando sobrepondo uma teoria e um modelo que enquadre ou adapte o indivíduo, mantendo o analista sempre no lugar do não saber, colocando a teoria em questão a partir de cada caso. (ROCHA, 2011).

Portanto, como propõe Birman (2000, p. 53), “[...] a psicanálise se constituiu com Freud pela promoção do descentramento do sujeito do eu e da consciência

para o registro do inconsciente, enunciando ao mesmo tempo uma hermenêutica do sintoma e das demais formações inconscientes”.

Por fim, destacamos o ponto crucial na análise do funcionamento da clínica psicanalítica e toma-la por comparação com outras modalidades clínicas, como a psiquiatria, por exemplo. A teoria e prática da psicanálise constituem-se pelo valor dado ao sintoma e a escuta, não pelo olhar, considerado o discurso e o conteúdo como pontos centrais de tratamento. “Conseqüentemente, a clínica psicanalítica se pautou pela operação da escuta e não pela do olhar.” (BIRMAN, 2018, p. 453).

Atualmente, há uma crítica à psicanálise por não mais conseguir sustentar seu projeto clínico, uma vez que duração e custos de tratamento propostos por Freud seriam inviáveis nos dias atuais, não oferecendo a mesma eficácia de tratamento em relação aos saberes que procuram uma resolução rápida e mágica para o conflito psíquico, através do aprendizado de novos comportamentos ou do uso de psicofármacos. Porém, a psicanálise acredita que o conflito se funda no desejo e nos fantasmas, que marcam a singularidade do sujeito, da qual este não pode abrir mão, sob o risco de desaparecer. Logo, a psicanálise caracteriza-se como uma sublime forma de subjetivação, com intuito de dar destino aos desejos e aos fantasmas próprios de cada sujeito, buscando sempre a aceitação da singularidade (BIRMAN, 2009).

Tendo sempre em vista essa singularidade, os analistas não devem limitar sua prática à escuta. Há também a responsabilidade de transmitir a particularidade que esteja em jogo, bem como transmitir ao outro o que ele próprio tem de humanidade, em todo o interesse que possui pela singularidade de cada um. “Não se trata de se limitar a cultivar, recordar a particularidade, mas sim de transforma-la em algo útil, em um instrumento para todos”. (LAURENT, 1999, p. 10). A prática clínica deve sempre ter um olhar voltado para a subjetividade.

2.5 NORMATIZAÇÃO E SUBJETIVIDADE

Neste item, será feito uma breve abordagem, relacionando pontos até aqui apresentados, refletindo acerca da atuação clínica como prática de subjetivação,

não entrando na lógica de normatização⁶, que visa um enquadre, mas sim a emersão do sujeito.

Para Ceccarelli (2010) o termo patologização da normalidade caracteriza as formas discursivas que originam normas de conduta e regras de conduta, com o intuito de determinar como as pessoas devem agir e se comportar, sem considerar o próprio sujeito em questão, bem como sua particularidade e dinâmica pulsional. Tais normas etiquetam, punem e classificam indivíduos desconsiderando qualquer aspecto subjetivo.

Ainda surge, daí o questionamento de como os psicólogos e psicanalistas contribuem para essa patologização da normalidade. Ceccarelli (2010, p.129), afirma que “[...] os profissionais do psiquismo podem contribuir, mesmo indiretamente, para a patologização da normalidade ao transformarem suas teorias em instrumentos de controle.”.

Os aspectos acima citados, bem como o questionamento sobre a psicanálise como prática de normatização ficam claros com Ceccarelli (2010, p.130):

[...] não estamos vacinados contra posições normativas que tendem a enquadrar as vicissitudes da pulsão na hegemonia discursiva dominante. Com isso, abandona-se a dinâmica do funcionamento psíquico a favor de uma prescrição normativa de circulação pulsional. Nossa clínica não é sem consequências. Implícita ou explicitamente, nossa atuação reflete um projeto político, logo uma visão de sociedade, que pode ser transformada em instrumento a serviço de uma ordem normativa com efeitos repressivos.

Portanto, deve-se refletir a respeito desta prática. Laurent (1999) afirma que o papel do analista não se resume a um lugar vazio, mas alguém que deve ajudar a civilização a respeitar a articulação entre a norma e as particularidades individuais. Não haveria, portanto, razão para se retirar de um sujeito sua particularidade, com intuito de enquadrá-lo ao universal, independente de qualquer motivo.

⁶ Ação ou efeito de normatizar, de desenvolver ou instaurar normas. Ato de estabelecer padrões ou inserir algo num modelo ou padrão a ser seguido pelos demais: normatização das regras de higiene.
CADERNOS DE PSICOLOGIA – CESJF - jun.2019 v.1 n.1 p.264-282

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, foram abordadas algumas críticas de Michel Foucault a psicanálise e seu dispositivo clínico, enquanto tecnologia de si. Nesta perspectiva, a subjetividade não seria uma condição natural humana, mas sim produto de uma construção histórica, social e política, fomentada por discursos e disciplinas reguladoras. Além disso, esses dispositivos, próprios da modernidade, romperiam com a prática do cuidado de si, presente na antiguidade na Grécia e na Roma antiga.

O trânsito pela psicanálise, apresentou conceitos que vão à contramão da perspectiva foucaultiana, trazendo a ideia da subjetividade como produto de conflitos psíquicos, fundados no inconsciente a partir de forças inerentes ao sujeito. Não obstante, a teoria freudiana não resume a condição humana a estas forças psíquicas, mas também mantém uma relação constante da subjetividade na relação com a cultura e com a realidade, destacando sempre a relação particular que se estabelece entre o sujeito e civilização.

Este artigo em nenhum momento buscou refutar os argumentos foucaultianos sobre a constituição do sujeito, e muito menos colocar a psicanálise como teoria mais adequada para o tratamento do sofrimento humano. A relevância das obras de Foucault e Freud são muito significativas, transformando definitivamente o campo das ciências humanas e a compreensão a respeito do ser humano, bem como inspirando incontáveis discípulos, empenhados e comprometidos, cada um a sua maneira, com a possibilidade de ajudar a quem precise e deseje a lidar com sua subjetividade e com o desamparo humano.

Portanto, a reflexão aqui presente caminha na direção de pensar, a fim de tornar o mais ético, responsável e individual possível a prática da clínica psicanalítica. Sendo assim, os conceitos apresentados e as interlocuções feitas entre todos os autores apresentados têm a finalidade de responder o questionamento inicial: uma prática de subjetivação ou normatização? Acreditando fielmente no compromisso ético e humano da atuação clínica, pensar sobre a normatização, enquanto zona de conforto, facilidade e a certeza de uma resposta mais positiva frente ao social é fundamental, para compreender que, apesar de tudo

CADERNOS DE PSICOLOGIA – CESJF - jun.2019 v.1 n.1 p.264-282

isso, a subjetividade e a particularidade devem sempre assumir o protagonismo frente a qualquer sujeito.

Apesar das muitas críticas sofridas à psicanálise e a filosofia, por serem demasiado reflexivas, profundas, e, portanto, estarem desadequadas à civilização atual, que busca a resolução de todo e qualquer sofrimento ou angústia da forma mais breve possível, através de fármacos, estipulação de metas, condicionamentos, tratamentos breves e focais e promessas de felicidades, a psicanálise, obviamente com todo arcabouço teórico e epistemológico que a constitui, aliada às reflexões filosóficas e existências, se mostra fiel com seu compromisso, com a particularidade, e individualidade própria do sujeito.

Por fim, a resposta do questionamento inicial deste artigo: a clínica psicanalítica apresenta-se como sublime prática de subjetivação, com responsabilidade, com a particularidade, a emersão do sujeito, suas escolhas e consequências. Com o intuito de cultivar sempre esta prática, em tempos de relações breves e vazias, a reflexão sobre a atuação clínica é sempre fértil e útil, para que não venhamos a sucumbir na praticidade do enquadre e da norma, nunca perdendo de vista nosso compromisso com a particularidade do sujeito.

REFERÊNCIAS

BIRMAN, Joel. **Entre cuidado e o saber de si**: sobre Foucault e a psicanálise. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

BIRMAN, Joel. Genealogia da clínica. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.** São Paulo, v. 21, n. 3, p. 442-464. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142018000300442&lang=pt>. Acesso em: 19 maio 2019.

BIRMAN, Joel. Uma prática de subjetivação. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, Caderno de Cultura, 1-3. 20 set.2009. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/noticias/geral,uma-pratica-da-subjetivacao,437908>> Acesso em: 19 maio 2019.

CADERNOS DE PSICOLOGIA – CESJF - jun.2019 v.1 n.1 p.264-282

CECCARELLI, Paulo Roberto. A patologização da normalidade. **Estudos de Psicanálise**. Aracaju, n. 33, p. 125-136. 2010. Disponível em: <<http://www.cbp.org.br/patologizacaonormalidade.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2019.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de setembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREUD, Sigmund. **História do movimento psicanalítico; Artigos sobre metapsicologia; Outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1969a.

FREUD, Sigmund. **História de uma neurose infantil**: (“O homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo**: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão; O mal-estar na civilização; Outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1969b.

LAURENT, Éric. O analista cidadão. **Revista Curinga**, EBP-MG. Belo Horizonte, n. 13. p. 07-13, 1999. Disponível em: <http://minascomlacan.com.br/wp-content/uploads/2015/02/edicao_13-pdf.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

NORMATIZAÇÃO. Dicionário Online de Português. [S.l.: s.n.], 2009-2019. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/normatizacao/>>. Acesso em: 20 maio 2019.

ROCHA, Fernando José Barbosa. **Entrevistas preliminares em psicanálise: incursões clínico-teóricas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

ROUDINESCO, Elizabeth. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SILVA, Eduardo Pinto e. Ética, loucura e normalização: um diálogo entre a psicanálise e Michel Foucault. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, v.21, n.4. p. 16- 25, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932001000400003>. Acesso em: 22 out. 2018.

SOUZA, Pedro Fernandez de; FURLAN, Reinaldo. A questão do sujeito em Foucault. **Psicol. USP**. São Paulo, v.29, n.3, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642018000300002&lang=pt>. Acesso em: 19 maio 2019.

ZIMERMAN, David E.. **Manual de técnica psicanalítica: uma re-visão**. Porto Alegre: Artmed, 2008.